

## AS TEMPORALIDADES COTIDIANAS DA VELHICE – UM OLHAR / ESCUTAR A VIDA DIÁRIA

Yolanda Tereza G. Vasconcelos do Rosário<sup>1</sup>

Raimunda Silva d'Alencar<sup>2</sup>

**Resumo.** A população idosa é majoritariamente feminina, o que não significa uma situação mais favorável para a mulher nessa condição, em especial pelos enfrentamentos dessas mulheres em etapas pretéritas de suas vidas, quando a carga hierárquica, discriminatória e preconceituosa ainda era muito forte contra a mulher. Além disso, hoje enfrentam as mesmas questões por serem idosas. Este estudo enfoca o cotidiano de 20% das mulheres idosas residentes no Bairro da Bananeira, periferia da cidade de Itabuna- Bahia, buscando conhecer a vivência cotidiana, a percepção do próprio processo do envelhecimento, o significado que constroem em torno da velhice e dos vínculos estabelecidos cotidianamente com seus companheiros, filhos, netos, bisnetos mas, também, com seus vizinhos, além das estratégias que desenvolvem para sobreviver em meio às dificuldades que o Bairro oferece. Trata-se de mulheres que tiveram toda uma formação no meio rural, onde foram trabalhadoras desde crianças, não estudaram, e enfrentam todo tipo de dificuldade que a omissão do poder público mantém. Embora a relação público -privado seja tênue, essas

---

1 Administradora de Empresas, Especialista em Gerontologia

2 Professora Assistente, Coordenadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC

mulheres procuram de diversas formas, preservar o espaço doméstico. Suas histórias fazem parte de uma história maior, que é a história do bairro, que se estende à história da cidade.

**Palavras-chave:** Mulher - velhice - Idosa - Cotidiano – Gênero.

**Abstract.** The population aged is most feminine, the one to no stands for the situation favorable for woman in that condition in special bristles to confront of that women in stage preterit of his lives, when the hierarchic discriminate and prejudice again he used to be a good deal strong to the woman. Beyond that, today coping the questions for I shall be aged. This study focus the daily of 20% from the elderly women residents into the District from Banana plant, suburb of Itabuna Bahia, picking know the survival daily, the perception of the proper I sue of the aging, the significance what they build become from old age from the ties established daily with yours friends, sons, grandchildren, great-grandchildren, but, also, with yours neighbors, beyond from the strategies what they develop about to survive half difficulties what the neighborhood it offers. Treated - if of women what they had all only one formation in the middle of rural, where have been worker after children, no they studied, coping all type of difficulty what the oversight of the be able public insistent maintain. While the relation public private he may be tenuous, those women they seek of many forms, preserve the space domestic. His histories they do she breaks from a history major, what is the story of the district, that if she extends on the history from city.

**Keywords:** Woman - old age - Aged - Daily - class

## **INTRODUÇÃO**

O envelhecimento é um tema tão antigo quanto a história do homem, e vem despertando interesse, entre estudiosos que desejam, e precisam, compreender esse fenômeno. Não se tem dúvidas de que o aumento da longevidade é uma vitória, mas apesar da melhoria na qualidade de vida e, com isto, o aumento da expectativa de vida, o processo de envelhecimento é uma realidade que ainda não está elucidada e compreendida, pois o envelhecimento é gradual, irreversível e diferente de pessoa para pessoa, de ambiente para ambiente. Assim, o envelhecimento com suas demandas biológicas naturais também convive com as demandas culturais, sociais, econômicas, que são demandas cotidianas.

Assim, não se pode contextualizar o envelhecimento só de um ponto de vista; a idade cronológica é uma medida do tempo que a pessoa já viveu. O ambiente sócio econômico e cultural são relevantes para a análise do envelhecimento, além do fator biológico. Na dimensão sócio-cultural verifica-se que o idoso, como memória de uma sociedade, era valorizado em sociedades e em culturas tradicionais; mas a sociedade industrial mudou o conceito de importância dessa memória, desse valor, pois o antigo, o tradicional passou a ser menos valorizado, substituído pelo novo, na maioria das vezes configurado na pro-

dução e no consumo. Segundo Bosi (2004, p.77), “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra; perdendo a força de trabalho ele já não é produtor nem reprodutor”.

Em se tratando da mulher idosa essa rejeição parece acentuar-se, considerando a maior longevidade feminina. De acordo com Salgado (2002, p.12), as mulheres ainda sofrem preconceitos, seja pela idade, seja pela pobreza, dadas as oportunidades de trabalho menos favoráveis, menores salários, trabalho doméstico não remunerado, dentre outros.

Para conhecer um pouco da realidade feminina na velhice, essa pesquisa foi desenvolvida em um bairro da cidade de Itabuna, sul do Estado da Bahia. Além da necessidade de conhecer como vivem essas mulheres, a motivação se estendeu ao espaço onde elas vivem. Trata-se de bairro<sup>3</sup> situado às margens do Rio Cachoeira, que corta a cidade. Este bairro tem carências de saneamento básico, escolas, comércio, moradores de baixo poder aquisitivo, casas/barracos com estrutura de madeira. Pela proximidade com o rio, o bairro é sempre tomado pelas águas em épocas de muita chuva.

Foram selecionadas nove mulheres dentre as 44 idosas ali residentes. Com a utilização

---

3 O Bairro tem apenas uma rua e uma população de 1340 pessoas, entre homens e mulheres

da entrevista semi-estruturada e consentimento das entrevistadas, buscamos conhecer a rotina diária, as relações, o trabalho, como percebem a velhice, além das estratégias e mecanismos de convivência cotidiana.

## **2. A CONSTRUÇÃO COTIDIANA DA VELHICE**

O cotidiano, conforme o dicionário Aurélio (2001), define-se pelo que é “diário, de todos os dias”. A definição simples do significado dessa palavra esconde toda uma complexidade de ações e práticas, saberes, características que estão inseridas na vida cotidiana. Michel de Certeau (1998, p.31) o define como “aquilo que nos é dado cada dia”.

Estudiosa do cotidiano, Agnes Heller (2000, p.17) faz a análise teórica sobre a vida de todos os dias e enfatiza que a vida cotidiana “é a vida de todo homem”, “é a vida do homem inteiro”; ou seja, todos estão inseridos em um cotidiano, fazem parte dele, com a individualidade de cada um. O cotidiano é a história vivida por todos e por cada um, partilhada e compartilhada.

Partindo desses conceitos, verifica-se que estudar o cotidiano implica um olhar sobre a vida diária, que tem suas regras e uma organicidade estruturadores do dia a dia do homem, aparecendo na organização do trabalho e vida privada, lazer, descanso, atividade

social, intercâmbio e purificação (HELLER, 2000, p.18).

A construção social do cotidiano do homem inicia-se já no momento do seu nascimento, pois já nasce em contexto estabelecido de cotidiano. Com seu amadurecimento diário, o que Heller (2000) denominou de “assimilação da manipulação”, consegue viver o seu próprio cotidiano, aprendendo com o grupo a que pertence não só as artes de fazer como a de consumir. O homem aprende a manipular os objetos, instrumentos, a apoderar-se do uso social desses objetos e também a apropriar-se das integrações maiores de lançar-se ao mundo e conviver com outros grupos diferentes do seu originário.

Nesse contexto, é de Heller (2000, p.20), ainda, a afirmação de que “a vida cotidiana não está fora da história, mas no centro do acontecer histórico: é a vida verdadeira essência da substância social”, constituindo-se, portanto, em parte inerente à existência de todo e qualquer indivíduo.

Assim, continuando a reflexão sobre o pensamento de Heller (2000), a vida cotidiana tem uma estrutura expressa por características que vão explicar o modo de agir do homem. Com isso, a vida cotidiana pressupõe a espontaneidade, o pensar e agir sem reflexão consciente e crítica, as motivações particulares e as atividades humano-genéricas. Esta é uma característica dominante, segun-

do Heller, da vida cotidiana, e está expressa na assimilação do comportamento estabelecido, das exigências sociais e modismos, com isso facilitando a reprodução da sua existência social. A assimilação e a espontaneidade na vida cotidiana pressupõem também a automatização de gestos repetitivos, das atividades habituais do dia a dia, como por exemplo, o ato de comer com talheres, hábito ocidental (MESQUITA, 1995, p.15).

Agnes Heller (2000, p.36), complementando o seu pensamento sobre as características da vida cotidiana, afirma que “não há vida cotidiana sem imitação”, na assimilação dos hábitos e costumes de uma sociedade. E por último, fala da entonação, que é uma atmosfera própria de cada indivíduo, que está em torno dele.

É também de Heller (2000, p.37) o argumento de que:

Todos esses momentos característicos do comportamento e do pensamento cotidiano formam uma conexão necessária, apesar do caráter aparentemente casual da “seleção” em que aqui se apresentam. Todos têm em comum o fato de serem necessários para que o homem seja capaz de viver na cotidianidade.

Contudo, estruturas não devem se cristalizar em absoluto, pois o indivíduo precisa ter uma margem de movimento nas situações

que o exigem, senão acontece a alienação da vida cotidiana onde o ser humano, devorado por seus papéis, só se orienta por eles. A não alienação, de acordo com essa autora, depende da condução da própria vida, o que supõe, para cada um, uma vida própria, "(...) embora mantendo a estrutura do cotidiano, cada qual deverá apropriar-se a seu modo da realidade e impor a ela a marca de sua personalidade" (HELLER, 2000, p.10).

Nesse contexto da estrutura da vida cotidiana, verificou-se o cotidiano das mulheres idosas do bairro Bananeira, a vivência da velhice na vida diária. É relevante considerar que o termo velho, no uso cotidiano, tem um significado pejorativo de decadência, inutilidade, limitação e, também, de exclusão de vários lugares; o idoso sente na pele toda essa discriminação. E a mulher idosa vive no seu dia a dia com problemas que, segundo Salgado (2002, p.10), são predominantemente femininos:

Os problemas ou mudanças que acompanham ou surgem na etapa da velhice: doenças crônicas, recursos econômicos insuficientes, necessidades de atenção ou cuidado, sobrevivência a amigos próximos e familiares entre outros.

Diante disso, qual o significado da velhice para as idosas da Bananeira e qual a sua relação com as características da vida cotidiana? As falas das entrevistadas dão conta



da percepção da velhice de variadas formas, mas é no corpo que a percepção da velhice como passagem do tempo é mais sentida. A relação que fazem com o corpo do passado e com um corpo diferente no presente, aparece na saúde, trabalho, festas, namoro, sexo e também na indiferença que experimentam.

A auto-imagem, a estética do corpo do passado e do presente, associada à perda da saúde, está presente nestas falas: 1) (...) *quando eu era jovem, eu pesava até os 20 anos 37 a 40 k , a partir de que eu passei para 40 anos em diante até o mês passado eu estava com 72k, então eu acho muita diferença, apesar que graças a Deus eu sou sadia, não sinto nada, só o que às vezes me preocupa é só a pressão, minha pressão é alta,mas eu fico sossegada não como muito sal e muita gordura...;* 2) *Hoje eu não posso fazer mais não o que eu já fiz, aqui antes, até tem dia que levanto pela manhã “apulso” (risos) de tanta dor no corpo... 3) Eu era forte, não sentia nada, cada vez mais vai diminuindo a sustança da gente.*

Segundo Berger (1995, p.125), “a senescência (processo natural do envelhecimento) não é uma doença, mas pode levar a uma quantidade de afecções, porque se caracteriza pela redução da reserva fisiológica dos órgãos e sistemas”. O idoso estará mais sujeito a problemas de saúde, embora o envelhecimento seja diferenciado. Berger afirma que “o envelhecimento orgânico não é homogêneo”,

varia de pessoa para pessoa e depende de fatores internos, bagagem genética, bem como de fatores externos ligados ao estilo de vida, ambiente, educação e medidas de higiene. Os depoimentos a seguir são ricos de informações e de muitos significados. 1) *A minha velhice tá continuando se Deus me abençoar que ela continue como vai [...] eu não sou mulher de perder noite, eu não bebo, só o que faço de vez em quando é fumar, é só; mas não sou viciada, o resto está tudo bem [...] p'ra mim velhice é a pessoa que tem saúde (Idosa, 60 anos); 2) Pra mim é bom; eu me sinto orgulhosa de ter chegado a esta idade que Deus está me confiando [...]. eu quero ainda ficar mais véia pra ver meus bisnetos [...] não perco a noite, não ando bebendo, não; a única coisa que ainda tenho de ruim é fumar, só! (idosa, 61 anos).*

Se para esses depoimentos a velhice representa uma etapa feliz e se vincula a não cometer exageros (perder noite, beber), alguns outros sentidos se vinculam à falta de lazer, ao sentimento de inutilidade, à limitação da capacidade funcional. Os depoimentos seguintes são ilustrativos dessa compreensão: 1) *Sei lá, fica sem graça, a gente não tem mais aquela alegria que tinha antigamente; quando eu era jovem tinha alegria, tinha uma festa para dançar e brincar porque hoje eu não tenho, mais; eu não sou como era antigamente quando eu era nova, era diferente, mas alegria sempre eu tenho, brinco com todo mundo (Idosa, 74 anos); 2)*

*A idade vai chegando, quer dizer que a pessoa vai ficando uma pessoa assim.... Porque se tiver uma pessoa moça, um grupo jovem, não vai caber uma pessoa de idade; eu tenho que catar aquele grupo mais de idoso, o meu meio vai ser aquele ali de idosos (risos), o que é que eu vou fazer em um grupo jovem? eu já estou de idade ... (risos); eu fico naquele grupo que dá pra mim. A velhice é boa; se fosse ruim ninguém ficaria velho... quem é novo um dia vai caindo, caindo, se torna que nem criança, fica pior do que criança, porque as pessoas fala: tira essa roupa, vai tomar banho, vai se levantar, vai assistir televisão, é pior que criança (Idosa, 60 anos).*

O entendimento do significado da velhice é muito variado, os mitos e os sentimentos de exclusão são muito fortes e se fazem presentes. Simone de Beauvoir (1990, p.347) realça que “a velhice é um desafio e quando ela se apodera de nossa própria vida, deixa-nos estupefatos”. A aceitação dessa nova etapa, a forma de encarar as mudanças em todos os âmbitos da vida cotidiana, não se constitui em tarefa fácil para os idosos. Como diz Beauvoir (1990, p.348), “a velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?”.

A velhice pode ser um tempo de intenso desenvolvimento espiritual, com forte presença da religião como elemento dessa espiritualidade, realçado em vários estudos como o mais

importante quadro de referência. Pôde-se observar isto através das respostas das idosas da pesquisa, que a religião ocupa um espaço relevante em suas vidas. A religião predominante das entrevistadas é a católica; apenas uma é evangélica. Questionadas sobre a importância da religião em suas vidas, as idosas responderam: 1) *A religião na vida da gente é tudo na vida, a religião dos crentes não é igual a católica, é de outro planeta, é...porque Deus não deixou duas lei, deixou uma só foi ela a católica... eu acho bom participar da igreja católica;* 2) *Eu sou adventista, antes eu ia a qualquer igreja, eu acho importante a gente vai desabafando, eu não sei ler, mas fico ouvindo saio desabafada.*

Embora as respostas sinalizem a religião como frequência à igreja, é preciso levar em conta que "religiosidade é um conceito multidimensional que envolve crenças, atitudes, valores e atividades. Além disso, parece haver distinção entre crença religiosa e práticas ou rituais religiosos" (GOLDSTEIN, 1993, p.111).

### **3. OS TEMPOS E ESPAÇOS DIÁRIOS DA VIDA NA VELHICE**

#### **3.1. OS ESPAÇOS E TEMPOS DO PRAZER**

O tema da sexualidade tem despertado a atenção de estudiosos no que se refere aos idosos, pois existe o mito de que o idoso é um ser assexuado. A visão que se tem do idoso é

no papel de avô e avó, tomando conta de neto e fazendo tricô. Mas a realidade é que aquela avó também continua uma mulher, que não perde a capacidade de sentir desejo em sua idade avançada. Moragas (1997), em análise que faz do envelhecimento, pergunta: "o que acontece com as emoções, com o decorrer da idade? A sexualidade acaba com a idade? E o casamento, que perspectivas tem?"

Essas questões, embora não sejam objeto de discussão neste trabalho, fazem parte dos estudos da área gerontológica. Não se pode desconsiderar que a manifestação da sexualidade para pessoas idosas se constitui ainda tema tabu, que tem repercussões diferenciadas entre homens e mulheres. Se para os homens a diminuição da potência sexual é uma ferida difícil de enfrentar, por conta de uma cultura falocêntrica, para as mulheres, muitas delas vítimas da repressão sexual, essa diminuição pode representar um alívio, que as deixa eximidas de embaraços, mais liberadas sexualmente.

As idosas desta pesquisa relatam algumas de suas experiências da vida de casada, não só do passado, de quem já compartilhou uma vida a dois, mas do presente, da vida atual, de quem está convivendo com outro parceiro. Essas experiências nem sempre foram positivas, mas, nem por isso, impediram outros relacionamentos. Este é o caso de uma idosa de 60 anos: 1) *A primeira experiência de casada*

*não foi boa não. Me casei com 21 anos, tive oito filhos, o meu marido não me deu boa vida não, ele bebia muito, só nunca me bateu, mas me “esculhambava” muito, arrebentava tudo dentro de casa, mas a gente viveu assim mesmo 18 anos. Aí quando não aguentei mais, quando meu filho caçula tinha cinco anos a gente se separou e aí já tem 12 anos de separado. Con-vivi com outro, agora ele fugiu pra São Paulo (risos) e já vai fazer um mês até hoje ele não deu notícias, não ligou pra mim, não sei se ele vem mais [...] com esse a gente vivia muito bem, foi por dez anos; eu peço a Deus que me dê vida e saúde, coragem pra mim trabalhar... Hoje a minha vida tá tudo bem, tá bem, fico um pouco em casa, eu trabalho, lavo roupa, passo, entrego, recebo meu dinheirinho, estou vivendo bem, às vezes... esta semana mesmo minha netinha de nove anos foi passar três dias lá comigo...*

Esse depoimento permite refletir sobre o tempo de vida com um companheiro violento, e o que motiva a passividade: filhos, necessidade financeira, subordinação, tudo junto ou nada disso? Apesar do tempo, a idosa conseguiu romper com o cotidiano sofrido, exaustivo. Mais jovem, foi mais fácil enfrentar; para ela, foi coragem.

Outros depoimentos dão a medida exata da importância dos relacionamentos: 1) *Vivi 40 anos de casada, foi muito bom, tive muito boa vida quando eu era casada, trabalhava pouco, fazia faxinagem, pois ele não deixava fazer*

*nada, que era só para ficar dentro de casa, eu era menina nova, ele era mais velho, tinha 40 anos e eu tinha 20 e poucos, ficava cuidando da casa e dos filhos[...] meu marido era muito bom para mim, graças a Deus, me dava muito conforto, ele me levava pra São Paulo; ele cuidava muito de mim. Minha vida hoje minha filha vou te contar, a gente recebe uma aposentadoriazinha, mas quando o dinheiro acaba até tomar a retomar, já passou dificuldade ... moro numa casinha, pago aluguel, só não pago água e luz...enfim, é isso mesmo, agora do meio pra cá tenho passado bem apertadinho; enfim, é isso; 2) Eu vivia bem, né? Nunca me arrependi, eu não. O primeiro eu fiquei casada um ano e seis meses, porque ele morreu, o menino mais velho ficou com um ano e a menina ficou com cinco meses, depois de morto, depois de três anos apareceu este que mora mais eu. Hoje, minha vida é boa, o importante é saúde, né? A saúde é em primeiro lugar, a minha vida é boa, tou levando numa boa.*

É importante considerar que esse ontem e hoje não representam simples referências históricas que ordenam a vida, mas são elementos identificatórios da construção/organização do que são, do que fazem, do que sentem, e da forma como vivem. Em outro depoimento: 1) *Tive um romance e tive um filho, mas não morei junto; ele era bom, nunca me triscou a mão, mas na bebida ele era ruim, todo dinheiro dele era pra beber; vivi uns 13*

*anos; a gente vivia bem.*

A sexualidade ficou explícita no relato de uma idosa de 60 anos que vive com o companheiro de 94 anos. O relato mostra que o prazer estaria assegurado na relação sexual com o companheiro; como isso não existe, o afeto, o carinho e o companheirismo não têm um significado forte no seu cotidiano. O seu companheiro, além da idade, está demenciado. 1) *...] a pessoa nova é uma coisa e chegando p'ra idade é outra. Oh! Eu vou falar com você, eu fui mulher mais nova, eu sei as coisas, hoje em dia faz de conta, ter um homem dentro de casa é mesmo que não ter, cada um dorme no seu canto, hoje as coisas é diferente do tempo que eu era nova! A gente vive em casa, do jeito que tem que ser, mas como marido e mulher, não, não... essa idéia acabou pra mim, não existe mais isso, porque a pessoa vai caindo pra idade... fica uma pessoa assim, que tem que viver porque a lei é essa, mas não, você entende né?*

Pesquisas têm mostrado que a idade não é fator de abstinência, em especial para a mulher. Conforme Kinsey (apud RISMANN, 1995, p.55) constatou, “A questão da menopausa tem pouco efeito na resposta sexual da mulher. [...] a diminuição da atividade sexual estaria relacionada com o declínio do interesse do cônjuge masculino pelo sexo..”. Beauvoir (1990, p. 426), afirma que “ao longo de toda a vida há uma estabilização sexual maior na



mulher do que no homem; aos 60 anos, as possibilidades de desejo e de prazer são, nelas, as mesmas que são aos 30 anos”.

O prazer no relacionamento é externado na fala de uma idosa, quando ressalta a importância do trabalho dos cônjuges para o equilíbrio da vida familiar -- *A minha vida de casada gostei muito, sabe? Ele era uma pessoa fraca. Mas também era uma pessoa que trabalhava comigo, sabe? Graças a deus vivemos bem, não tivemos nada sabe? Assim de futuros de coisas boas, mas ele trabalhava, eu trabalhava, os filhos estudava, toda vida trabalhei, até hoje graças a Deus.*

### **3.2. Os ESPAÇOS E TEMPOS DO LAZER**

Embora não exista consenso sobre o que seja o lazer, por ser um termo carregado de preferências e juízos de valor, é consenso entre estudiosos que o lazer não deve ser considerado isoladamente como fonte única de realização humana.

O dimensionamento do lazer reside na possibilidade de poder suscitar atitudes ativas durante a utilização do tempo livre, como a participação consciente e voluntária na vida social, opondo-se ao isolamento e ao recolhimento, e a exigência de crescimento pessoal livre, com a busca de equilíbrio entre o repouso, a distração e o desenvolvimen-

to pessoal contínuo e harmonioso (D'ALENCAR & VEIGA, 2004).

Relatos com lembrança de festas, do prazer do namoro, das coisas bonitas, o tempo de juventude como um tempo de alegrias, o hoje como um tempo de exclusões e perdas dos papéis sociais, dão conta de que esse lazer está ligado a um passado, a um tempo da juventude, do novo. 1) *Hoje em dia você vê, a gente era novo é uma coisa, hoje tá velho é outra, antes com vaidade de ir pra festa, ficá dançano, pensá nas bonitezas; namorar na idade que está hoje é diferente, só fica dentro de casa pensando na vida, pedindo saúde a Deus, já está mais velha mesmo, já estou com 74 anos, não penso em mais nada, não pode ter mais vaidade com nada, pra quê na minha idade? Pra quê? Perdeu a graça (Idosa, 74 anos); 2) Sei lá! (risos) quando a gente é moderno, a gente saía pra todo lugar, nós ia pra festa. Festa de São João eu adoro!, naquele tempo a gente arrumava namorado, hoje a gente não pode namorar mais a gente é casada (Idosa, 50 anos).*

Os depoimentos realçam barreiras para estabelecer valores quanto ao lazer, colocando sobre o lazer uma carga negativa ou exclusiva da juventude.

A falta de espaços de lazer no bairro e as condições econômicas dessas idosas para realizá-lo em outros espaços acabam por realçar o tema da solidão, externado especial-

mente por aquelas que moram sozinhas: 1) *Ah! É difícil, tem muitos anos que eu não sei explicar, não convivia com a solidão, mas agora eu tenho que viver, ligo a televisão, desligo, ligo o rádio, enjôo, é ... o jeito, vou deitar, custo a dormir, não não é muito bom a gente viver sozinho, não é bom, mas seja feita a vontade de Deus, se foi da vontade de Deus, a gente tem que superar; 2) Solidão, eu já me acostumei com negócio de solidão, a gente fica assim sozinha, assiste televisão, depois enjôo, desliga, fica ali deitada quieta, apaga luz tudo escuro, porque eu já sinto sozinha, ficá a luz acesa em casa é perigoso, às vezes a gente fica no escuro pensando na vida, pensar o dia de amanhã, já passou o dia de hoje agora vamos pensar o dia de amanhã, o que vai ser amanhã, se amanhece viva amanhã, só quem sabe é Deus, né? Perde a noite, perco o sono, dá insônia fica aí acordada a noite toda, assustada, o movimento que passa na rua.*

Angerami-Camom (1999, p.9) escreve que “a solidão é na verdade, uma condição imamente ao homem, faz parte da própria vida, só que em certos momentos a percebemos mais agudamente e não sabemos como lidar com ela”. É na velhice que a questão da solidão pode ser mais crítica, diante de todo o contexto dessa etapa da vida. A solidão surge ocupando um vazio da vida do idoso, vazio que, nas palavras de uma das idosas entrevistadas, é a ausência do companheiro. Ou-

tra idosa diz que “se acostumou”, mas descreve toda uma noite que parece não ter fim, insônia e preocupações.

Embora a velhice constitua uma fase da vida que, para muitos significa isolamento buscado por quem envelhece, os depoimentos dão conta de que essas idosas não se encontram centradas nelas mesmas, mas vinculadas a tudo o que ocorre em sua volta. Duas das idosas cujos depoimentos foram registrados acima recebem visitas diárias de filhos e netos mas, à noite, a falta de companhia é sentida por elas. *“Minhas filhas me visitam sempre; meus filhos, quase todos os dias; meus netos não saem da minha casa; fica lá brincando, perturbando, os meninos é toda hora lá em casa quando chega da escola”.*

Apesar disso, a solidão se constitui em uma das mais temidas condições para os idosos de hoje

### **3.3. Os Espaços e Tempos da Produção**

Na realidade brasileira, de acordo com o censo demográfico (IBGE, 2000), 62,4% dos idosos são responsáveis pelo domicílio em que moram; são quase nove milhões de residências chefiadas por pessoas com mais de 60 anos.

O trabalho, portanto, se constitui em fator de preocupação para as entrevistadas, não apenas para aquelas que ainda traba-

lham, embora não tenham mais a coragem da juventude, mas tenham necessidades materiais que as obrigam a isso, também para aquelas que não estão mais no mercado de trabalho, formal ou informal.

Para uma idosa de 64 anos, (...) *quando a gente é mais moderna tem mais coragem, tem mais força né? Tem mais coragem, né? E agora a gente vai ficando velho, né? Num vai sendo aquela pessoa de antigamente, né? Eu não sinto nada de saúde, o meu dia todo é lavando roupa, lavando prato, ou varrendo casa, eu num sinto nada graças a Deus, na correria o dia todo e tem vezes que ainda entro pela noite... aí eu vou passar roupa até 11:00h.*

Outra idosa de 65 anos, diz: *Tem hora que fico assim pensando! Oh! Meu Deus quem eu era? Eu vivia trabaçando, lavei tanto de ganho e hoje em dia num posso fazer mais isso, tem hora que eu fico assim, pensando, fico conversando com as fias lá em casa mesmo. Já outra assinala que: Minha vida ta boa hoje graças a Deus, fico o dia todo lá com meu fi, de noite eu venho pro meu barraco, eu fico trabaçando mais ele lá, ele tem um ferro veio e eu vou lá pra arrumar; é o único trabaio que eu faço na vida.*

O trabalho informal aparece como estratégia de sobrevivência para essas idosas, que lavam e trabalham em ferro velho. Embora não seja propósito deste trabalho aprofundar nessa questão, a presença do idoso no trabalho informal significa constatar que ele con-

tinua no mercado de trabalho. Estudos de conjuntura, a exemplo do realizado por Camarano (1999), dão conta de que, em 1977, 4,5% da população economicamente ativa brasileira era composta por idosos, tendo crescido para 9% em 1998, com estimativas de que, nos próximos 15 anos, essa representação será de 13%. Além de sinalizar esse crescimento, os dados do estudo também revelam que a participação de pessoas já aposentadas na PEA é expressiva. Embora a aposentadoria signifique *retiro profissional*, Camarano (apud CAMPOS, 2004) afirma que “no caso da PEA [idosa] masculina, apenas 45,6% não eram aposentados; os restantes 54,4% eram constituídos por aposentados que continuaram trabalhando”.

Um aspecto que não se pode deixar à margem é a desvalorização desse trabalho informal, fortemente representado na fala de uma idosa de 60 anos: “[...] eu luto na vida, viu? Lavo roupa, passo, e cobro R\$ 5,00. O que a gente faz com R\$ 5,00?”.

Percebendo essa realidade, esse presente, as entrevistadas se remetem às memórias do passado, às lembranças de um tempo de estar bem nos aspectos de saúde e também econômico e social; é uma volta ao passado, até certo ponto, prazerosa. Bosi (2004, p.53) nos fala que a memória do passado para o velho tem um sentido especial, porque:

Ao lembrar o passado ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas, não está se entregando fugitivamente às delícias do sonho, ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma da sua vida.

As expressões usadas nas falas das entrevistadas: “quando eu era jovem”, “pra quê? perdeu a graça”, “no tempo que eu era moderna”, “quem era eu”, são usadas com nostalgia, como um tempo que foi, mas não volta, como um tempo em que tinham saúde, que estavam inclusas no mercado de trabalho, da produtividade e, também, dos prazeres da vida cotidiana.

### **3.4. Os Espaços e Tempos das Relações Intergeracionais**

A família propicia a primeira experiência social do ser humano, de exercitar as relações intergeracionais. E para o idoso a manutenção dessas relações entre filhos e netos é muito importante. Contudo, as relações intergeracionais se estendem para o espaço público, não se constituindo segredo algum que, na sociedade atual, há uma crise de valores. Paradoxalmente, trata-se de valores construídos pela própria sociedade, para organizar e orientar as relações sociais. E essa crise de valores se manifesta, inclusive, na aversão à velhice e

nas múltiplas maneiras de mantê-la vulnerável, de tratá-la com desprezo e descaso.

No processo de envelhecimento, com todas as suas implicações, as relações intergeracionais se dão em contextos específicos. No caso das idosas desta pesquisa, os contatos são cotidianos e apresentam, portanto, situações de dificuldades na cordialidade e no tratamento de vínculos sociais, característicos do momento atual: provisoriedade.

As relações intergeracionais nem sempre são cordiais; a discriminação pela idade, o medo que as gerações jovens têm do envelhecimento (ou gerofobia) são demonstradas em atitudes hostis de desrespeito.

Salgado (2002, p.11) enfatiza que:

O preconceito de idade enfrentado pelas mulheres ao envelhecer está composto pelo sexismo e pela dupla mensagem que considera velha a mulher com idade inferior à do homem. Essa dupla mensagem da velhice leva a aceitar a visão de que enquanto os homens de idade avançada são “duros, rudes e viris, as mulheres estão enrugadas”, os cabelos brancos e a calvície que fazem os homens parecerem “distintos e muito atrativos”, mostram uma mulher em decadência.

As falas das entrevistadas são enfáticas nas relações vividas com dificuldades, pelo confronto da realidade atual de preconceito e desrespeito, associado ao que viveram an-



tes: 1) *Tem, e como tem diferença, porque eu mesma fui criada diferente, por que uma pessoa que hoje, eu tenho uma idade de 60 anos, uma menina que tivesse 20 anos não passava pelos mais velhos para não dá a benção, se tivesse duas pessoas conversando e estivesse precisano de passar ele esperava o adulto terminar de conversar para pedir licença para passar. E hoje não, tanto faz uma pessoa de 40 anos, como uma de 15 ou 10 anos, eles não faz diferença, e hoje nem os filhos quer dá bença aos pais. No ônibus, tem como tem, se tiver cadeira para sentar, bem, se não vai em pé, se tem uma menina sentada, ou menino, ou rapazinho qualquer não se levanta para dá lugar, diz logo assim: oxente! Quem quiser que vá em pé, eu tenho minha cadeira, não vou levantar. Antigamente não era assim, se chegava uma pessoa adulta, a moça ou rapaz se levantava e dava a cadeira (idosa, 60 anos);* 2) *Muitas me tratam assim: aquela velha nojenta, aquela velha enjoada.... hoje em dia já sabe, é tudo diferente. Quando passa pela gente não cumprimenta; passa pela pessoa de idade olha com aquela cara fechada e vai passando; se a gente está assim, num canto, querem passar, não pedem licença, passa de qualquer jeito, às vezes até pisa no pé da pessoa, não pede desculpa; nada, nada, olha assim!, dá risada e vai embora. Como quem pisou no cachorro e no gato, é assim. Aí eu penso, falo, oh meu Deus do céu, aquela épo-*

*ca se a gente fizesse uma coisa dessa a surra ia nascer...* (Idosa, 74 anos).

Apesar das dificuldades expressas nos depoimentos, é possível encontrar idosas cujos relacionamentos com os mais jovens são bons. Este é o caso de uma idosa de 60 anos: 1) *Hoje em dia não, naqueles tempos com aquelas pessoas de idade, as pessoas tinha mais tempo que hoje em dia. Os jovens me tratam muito bem. No meu grupo que eu ando ninguém maltrata idoso não. Na rua que eu moro mesmo, tem um bocado de véinhas, viu?... os morador novo também respeita os véios, nunca fui maltratada, não.*

Outros depoimentos: 1) *Sobre isso, todo mundo me respeita graças a Deus, ninguém também não me bate não, todo mundo me respeita* (Idosa, 61 anos); 2) *Eles me trata muito bem, né? De filhos a sobrinho que não é nada meu, me tratam bem e me chamam de tia, graças a Deus eles me tratam bem. Em todo lugar que eu vou, eu sou bem recebida, me dão lugar no ônibus, até os ladrões e os maconheiros me tratam bem, graças a Deus, eu nunca achei uma pessoa ruim* (Idosa, 64 anos).

Os depoimentos levam a uma reflexão quanto a esta questão das relações intergeracionais/interpessoais. Pelo que foi colocado nas entrevistas, é desgastante para o idoso lidar com o desrespeito, pois entra em choque com tudo o que ele viveu social e culturalmente em sua juventude. Este é um dos as-

pectos que está a merecer mais estudos, por parte da Gerontologia, pelo menos nesta realidade sul baiana, com o objetivo de tornar viável para a sociedade cada vez mais essa situação, considerando a previsão de um futuro próximo, daqui a mais quinze anos, quando os idosos representarão 15% da população e as mulheres serão maioria (CAMARANO, 2002, p.60). O filósofo Frank Schirrmacher, em entrevista à Revista Veja (15 ago.2004), afirma que “o envelhecimento pessoal, não apenas o envelhecimento abstrato das estatísticas oficiais, já está sendo tratado como uma catástrofe natural”, e ele aconselha o jovem, “a mudar de comportamento em relação aos idosos, desde já, sob o risco de verem a própria ruína em futuro próximo”.

Todas as entrevistadas têm filhos e netos. As nove mulheres, juntas, têm 58 filhos, 104 netos e três delas têm 17 bisnetos, o que significa famílias numerosas.

As relações familiares são fortes e importantes em todo o contexto, traduzindo fonte de satisfação para essas mulheres. Apesar de todas as dificuldades, e talvez por elas, os laços afetivos ainda se conservam: os sentimentos de apoio dos filhos, a companhia dos netos e bisnetos, o bom relacionamento e a ajuda na doença, são sentidos pelas idosas, ainda que algumas sofram pelo que consideram ingrati-dão: 1) *Minha família pra mim é tudo, porque meus filhos são simples, mas graças a Deus*

*me respeita, são muito obediente, tanto faz homem como mulher, qualquer hora que eu preciso estão ao meu lado (Idosa, 60 anos); 2) Minha família é boa graças a Deus, são todos bons, todos unidos, não vivem brigando (Idosa, 74 anos); 3) Pra mim família é tudo na vida que a pessoa tem né?...o vizinho é bom numas partes, mas pra você conversar, já é outra, pra você desabafar você não pode conversar com os vizinhos (Idosa, 60 anos); 4) É, eu não posso nem lhe dizer, mas quando eu vivia com meu filho era que nem duas crianças, e até hoje meu filho não me responde, está com quarenta e dois anos (Idosa, 61 anos); 5) A gente nunca pode abandonar os filhos, mas eles saindo é a coisa que mais falta a gente em casa, com certeza faz falta, dois véi em casa só (Idosa, 60 anos); 6) A minha família pra mim é uma bença, uma ajuda que Deus dá né? Muito maravilhosa (Idosa, 64 anos).*

Em algumas situações encontradas, convivem no mesmo espaço até quatro gerações. A responsabilidade pelos netos vem sendo cada vez mais assumida pelos idosos, cujos filhos transferem, por múltiplos motivos, o papel que lhes caberia. Este é o caso de uma idosa de 72 anos, que cuida de seis netos e bisnetos pequenos, filhos de seu filho, porque a mãe foi embora. Trata-se de desafio para as idosas obrigadas a resolver questões sociais e econômicas dos filhos. Camarano e El Ghaouri (apud AQUINO & CABRAL, 2002,

p.1057) comentam que:

Mesmo pobres e de saúde frágil, as mulheres idosas têm forte potencial para ajudar e apoiar filhos e netos, outros parentes idosos e o cônjuge, mesmo não tendo renda resultante de atividade econômica ou de aposentadoria.

Da mesma forma, Salgado (2002, p.15) reforça, afirmando que

Devido às mudanças sociais ocorridas em nossa sociedade, o papel de auxílio exercido pela avó vem adquirido maior notoriedade e importância, além de uma contínua ascensão. As avós exercem uma função importante dentro do sistema familiar amplo provendo uma gama de apoio tanto às filhas (os) quanto aos netos (as).

Assim, as avós da Bananeira estão dentro desse universo, pois cinco delas moram com filhos, netos e bisnetos e são, também, mantenedoras desses lares. Naturalmente que as implicações dessa convivência ainda não foram devidamente avaliadas, para se conhecer o impacto que provoca diretamente sobre os idosos, considerando a qualidade do consumo alimentar, nutricional e dos relacionamentos estabelecidos, quando se vive, como vivem essas mulheres, como cúmplices de outras vidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGERAMI-CAMON, V.A. *Solidão - a Ausência do Outro*. 3 ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

AQUINO, F.T.M; CABRAL, B.E.S. O Idoso e a família. In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, I; MAILLOUX, D. *Pessoas Idosas: uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidacta, 1995.

BOSI, E. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. 12 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMARANO, A.A. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

CAMPOS, Juliana Britto. O Idoso no Mercado de Trabalho Informal em Itabuna, Bahia. Trabalho monográfico. Ilhéus: UESC, 2004.

CERTEAU, M. *A Invenção do Cotidiano 1: artes de fazer*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_ et al. *A Invenção do Cotidiano 2: morar e cozinhar*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

D'ALENCAR, R. S. & VEIGA, R. de S. O Idoso e o Turismo em Porto Seguro, Bahia. Ilhéus, Bahia, Revista MEMORIALIDADES no. 1, Vol. 2, 2004.

GOLDSTEIN, L. I. & NERI, A. L. Tudo bem, graças a Deus. Religiosidade e Satisfação na Maturidade e na Velhice. In: NERI, A. L. (org.). *Qualidade de Vida e Idade Madura*. Campinas: Papirus, 1993.

HELLER, A. *O Cotidiano e a História*. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MESQUITA, Z. BRANDÃO, C. R. *Territórios do Cotidiano*. Porto Alegre: Universidades, 1995.

MORAGAS, R.M. *Gerontologia Social – Envelhecimento e Qualidade de vida*. São Paulo. Paulinas. 1997

RISMAN, A. et al. Atividade Sexual na terceira idade. In. *Terceira Idade, um envelhecimento digno para o cidadão do futuro*. 3 ed. Rio de Janeiro: Relumê Dumará UNATI/UERJ, 1995.

SALGADO, C.D.S. Mulher idosa: a feminização da velhice. In. *Estudos Interdisciplinares sobre o envelhecimento*. v.4. Porto Alegre, 2002, p.7-19.

SECRETARIA DE SAÚDE – ITABUNA  
- SIAB/2004.

Recebido em 23.06.2008  
Aprovado em 04.08.2008